

LEVANTAMENTO DEMOGRÁFICO E OCUPACIONAL DAS ILHAS E DA MARGEM SULMATOGROSSENSE NO TRECHO COMPREENDIDO ENTRE A FOZ DO RIO PARANAPANEMA E A FOZ DO IPOITÃ

EDUARDO A. TOMANIK (COORDENADOR); LUIZ DE SÁ (PÓS-GRADUANDO) E DIRLENE SPONCHIADO (PÓS-GRADUANDA)

RESUMO

O levantamento, realizado em março de 2001, permitiu o mapeamento dos habitantes permanentes do trecho em questão, além das condições de trabalho e de vida enfrentadas por eles. Em comparação com levantamentos anteriores, os dados atuais mostram a existência de um acentuado processo de esvaziamento demográfico da região estudada. O conhecimento das características ocupacionais e de educação formal dos moradores permite a suposição de que aquele esvaziamento trará consequências negativas para os mesmos e poucos benefícios para a preservação da região.

INTRODUÇÃO

Pesquisando os arquivos da Fundação Nacional de Saúde em Londrina, Rosa (1993) realizou um levantamento que incluiu, entre outros dados, informações sobre o número de domicílios e de moradores das ilhas do rio Paraná no trecho compreendido entre a foz do rio Paranapanema e a foz do rio Ivai. Apesar da existência de algumas lacunas, aquele levantamento mostrou uma ocupação considerável das ilhas pesquisadas até o decorrer da década de 1980: os dados relativos ao ano de

1983 apontam a existência, nelas, de 584 construções e de 1.457 habitantes.

Por outro lado, o mesmo levantamento demonstra um processo de rápido esvaziamento demográfico das ilhas. Os dados relativos a 1993 registram apenas 354 casas, o que representa uma diminuição de 39,4% do número de domicílios em 10 anos. Em relação ao número de habitantes o processo foi ainda mais acentuado. Os dados relativos ao ano de 1987 permitem calcular a presença de apenas 627 moradores, o que significa uma queda da ordem de 43,0% em apenas 4 anos.

De acordo com dados do IBGE, toda a região ribeirinha do rio Paraná, tanto nos Estados do Paraná quanto do Mato Grosso do Sul vem passando por um rápido esvaziamento demográfico e é possível supor que as ilhas daquela região venham sofrendo processos semelhantes. No entanto, apesar da criação de unidades de preservação tais como a Área de Proteção Ambiental das Ilhas e Várzeas do rio Paraná e do Parque Estadual do rio Ivinheima, não temos notícias da existência de qualquer levantamento sistemático e detalhado sobre a quantidade de moradores e sobre as condições em que os mesmos estão vivendo, quer nas ilhas, quer na margem sulmatogrossense daquela região.

As propostas adotadas pelo Núcleo de Pesquisa em Limnologia, Ictiologia e Aquicultura (NUPELIA) e por seus associados Grupo de Estudos Multidisciplinares do Ambiente (GEMA) e Grupo de Estudos Sócio-Ambientais (GESA) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), incluídas no Programa de Pesquisas Ecológicas de Longa Duração (PELD) abrangem não apenas a preservação do ambiente em seus aspectos físicos e biológicos como também as tentativas de melhoria das condições e da qualidade de vida, especialmente daqueles grupos menos favorecidos economicamente e que retiram, do contato intenso e constante com a natureza, as formas de garantir sua subsistência.

Por esta razão, além do monitoramento dos aspectos demográficos da região como um todo, é de especial interesse o mapeamento inicial e o acompanhamento contínuo daqueles indivíduos ou famílias que ocupam as ilhas e a margem sulmatogrossense. O conhecimento sobre a quantidade de moradores, as áreas por eles ocupadas, o tipo de atividades efetivadas, as formas de impactos ambientais derivadas e as condições de vida resultantes é um elemento-chave para a elaboração de planos de gestão para a área, que tenham objetivos como os já citados.

Frente à esta necessidade, em março de 2001 foi realizado um primeiro trabalho de campo visando a obtenção daqueles dados.

Como base para este primeiro levantamento foi delimitada uma área que compreende desde a foz do rio Paranapanema até a foz do canal Ipoitã na margem sulmatogrossense do rio Paraná, o que significa um trecho de aproximadamente 40 km ao longo deste último.

A quantidade de ilhas, o emaranhando de canais fluviais que se formam entre e dentro delas e a vegetação, que por vezes oculta a existência de moradias, são elementos que tornariam pouco produtiva a adoção de estratégias que tivessem como base a exploração sistemática do espaço para a realização deste levantamento. Diante destas condições o mesmo foi realizado tomando como ponto de apoio o conhecimento dos próprios moradores da região. Foi escolhido como piloto do barco um funcionário da UEM nascido e criado na região, conhecedor das ilhas e de boa parte de seus moradores. Além desta fonte inicial (e fundamental) de informações, cada morador entrevistado era solicitado a dar informações também sobre a localização de outros moradores vizinhos ou mesmo mais distantes.

Com base nestas duas fontes foi possível a realização de um levantamento que, se não é completo, ao menos é bastante significativo, sobre as condições atuais de ocupação da área.

No presente relatório estão contidos os dados e análises preliminares relativas às características demográficas e ocupacionais da população da área. Os dados referentes à posse e utilização da terra, por sua maior complexidade, serão tratados em relatório posterior.

Foram localizadas 45 construções ou conjuntos identificáveis, por sua proximidade e grau de relações, de construções. Como em nenhum destes conjuntos vivia mais que uma família, para efeitos de análises demográficas, eles foram considerados da mesma forma que as residências isoladas.

Não pudemos localizar, antes da realização do levantamento, qualquer mapa que trouxesse as delimitações municipais das ilhas do rio Paraná naquela região. Em função disto, no decorrer do levantamento, indagamos aos próprios moradores sobre a localização político-administrativa dos imóveis onde residiam. Os resultados aparecem no quadro seguinte.

Quadro 1 - Distribuição das construções por município

Município	N.
Porto Rico	15
Querência do Norte	4
Paraná	19
Bataiporã	3
Nova Andradina	2
Taquaruçu	7
Mato Grosso do Sul	12
Sem informações	14
Total	45

Não foi possível identificar ao certo em qual município estão localizadas cerca de um terço das construções. Esta ausência de informações se deveu a três razões principais. A primeira delas, pelo fato de não estarem presentes, em algumas das construções e no momento da coleta de dados, pessoas que pudessem prestar quaisquer informações. É provável, até mesmo, que dentre estas construções, algumas estejam abandonadas ou sejam utilizadas apenas eventualmente. Isto pode estar relacionado ao êxodo populacional, parte dos processos de evasão já mencionados anteriormente. A segunda razão foi o fato de que vários dos entrevistados não souberam determinar a localização do imóvel em relação ao município. Esta falta de informações por parte dos entrevistados poderia sugerir a existência de um desinteresse territorialista, não fosse a terceira razão encontrada por nós. Esta é, justamente, aquela inexistência, que já citamos, de um mapeamento detalhado, com as delimitações territoriais precisas, das ilhas do rio Paraná naquela região. Portanto, a inexatidão deste conhecimento não pode ser atribuída apenas aos

moradores locais.

1. Caracterização Demográfica das Ilhas

Quadro 2 - Finalidade e quantidade das construções nas ilhas

Natureza da construção	N.
Residencial	9
Veraneio	1
Outros	1
Residencial e de veraneio	19
Sem informações	7
Total	37

A maioria dos imóveis localizados nas ilhas é utilizada, simultaneamente, para fins residenciais e de veraneio. Nestes casos, o conjunto de construções é constituído normalmente por uma residência, geralmente pequena, construída em madeira e bastante rústica, ao lado de outra ou de outras, maiores e construídas, ao menos parcialmente, em alvenaria. A residência menor é utilizada permanentemente por caseiros contratados para zelar pelo imóvel, enquanto as maiores são utilizadas, de forma ocasional, para fins de veraneio pelos proprietários do lote e seus convidados.

As construções utilizadas exclusivamente para residência alocam pessoas que aparentemente sobrevivem da atividade pesqueira e de pequenas produções agrícolas de subsistência, já que normalmente não contam com pequenos salários ou outras formas de compensação por sua atuação como caseiros.

Das oito ilhas em que foram localizadas construções, duas delas chamam a atenção.

De acordo com Rosa (1993), na ilha Floresta havia, em 1983, 121 construções abrigando 302 habitantes. Pelos dados do levantamento atual existem, na mesma ilha, apenas 3 construções, o que confirma a existência de um grande processo de êxodo que vem ocorrendo, em todo o arquipélago, nas duas últimas décadas.

Já a ilha Mutum se destaca das outras, basicamente por três razões. A primeira, pela proximidade com o núcleo urbano de Porto Rico no estado do Paraná, o que facilita o acesso dos moradores ao continente. A segunda razão ocorre pela sua grande extensão territorial, permitindo que um maior número de pessoas e, conseqüentemente, de construções pudessem ser ali instalados. A terceira razão se deve ao fato de que, apesar das duas razões anteriores, o mesmo processo de êxodo também vem ocorrendo nesta ilha. Nela, segundo Rosa (1993), havia, em

1983, 85 casas e 235 habitantes. De acordo com os dados do levantamento atual, existem, ali, apenas 13 construções.

Os números do quadro 4 demonstram que o contingente de habitantes do sexo masculino nas ilhas é maior que o número de habitantes do sexo feminino, provavelmente por conta da atividade pesqueira, que é normalmente desempenhada pelos habitantes das ilhas, ser tida como uma atividade predominantemente masculina.

Quadro 3 - Localização das construções e natureza dos imóveis das ilhas

Localidades	Natureza					Totais
	Residencial	Veraneio	Outros	Residencial e de veraneio	Sem informações	
Ilha Bandeira	1					1
Ilha Boa Vista				1		1
Ilha Cajá				1		1
Ilha Floresta				3		3
Ilha Japonesa	2			4		6
Ilha Mandaguari	1					1
Ilha Mutum	3	1		9		13
Ilha Pintada	1					1
sem informações	1		1	1	7	10
Totais	9	1	1	19	7	37

Várias das construções visitadas são ocupadas apenas por homens que em geral são separados, viúvos e alguns solteiros.

Os 11 habitantes não encontrados para identificação, ainda que fossem todos do sexo feminino, hipótese que não consideramos provável, não promoveriam um equilíbrio entre a quantidade de homens e mulheres. O mais provável, contudo, é que ao menos a maioria destes seja, também, do sexo masculino.

Além daquele desequilíbrio entre os sexos, a pirâmide etária obtida à partir do levantamento apresenta outras configurações atípicas. Se, de um lado, existe um número relativamente grande de habitantes entre 11 e 20 anos, por outro, há uma diminuição proporcional de habitantes na

faixa etária entre os 21 e 35 anos, para em seguida aparecer um número um pouco maior de habitantes na faixa etária entre 36 e 50 anos.

Quadro 4 - Total de habitantes, por sexo entre os moradores das ilhas

Sexo	N	%
feminino	39	39,8
masculino	59	60,2
sub total	98	100,0
Sem informações	11	
Total	109	

Esta composição de dados, aliada às condições bastante precárias de vida existentes para a imensa maioria dos moradores permanentes das ilhas, sugere que o primeiro sub-grupo etário citado (dos 11 aos 20 anos) é

composto por indivíduos que permanecem nas ilhas por serem, ainda, muito jovens para seguir adiante na busca de qualificação e de colocações profissionais fora dali e que, por isto, necessitam do suporte familiar para sua subsistência.

Quadro 5 - Distribuição etária entre os moradores das ilhas

Idade	F	M	Sem inf.	Totais
até 5	1	5		6
de 6 a 10	2	5		7
de 11 a 15	8	4		12
de 16 a 20	6	8		14
de 21 a 25	2	4		6
de 26 a 30	1	3		4
de 31 a 35	3			3
de 36 a 40	3	3		6
de 41 a 45	4	7		11
de 46 a 50	3	6		9
de 50 a 55		1		1
de 56 a 60		1		1
de 61 a 65		6		6
de 66 a 70		1		1
de 71 a 75	1			1
Mais de 75	2			2
Sem informações	3	5	11	19
Totais	39	59	11	109

A diminuição relativa de moradores na faixa etária entre os 21 e 35 anos sugere que estes migraram em busca de qualificação profissional e de melhores condições de vida e trabalho fora das ilhas.

Quadro 6 - Número de pessoas por família entre os moradores das ilhas

N. de Pessoas	N. de Famílias
1	15
2	3
3	6
4	6
5	2
6	2
7	2
10	1
Total	37

Já os habitantes na faixa etária entre os 36 e 50 anos permanecem nas ilhas em razão de já terem perdido a possibilidade de encontrarem uma colocação no mercado formal de trabalho.

O número de famílias constituídas por uma só pessoa é bastante elevado, já que compreende 40,5% do número total de famílias localizadas nas ilhas. Somente uma das famílias localizadas é constituída por 10 pessoas.

Em todas as famílias localizadas, notamos uma tendência ao isolamento do convívio nos moldes da cultura contemporânea capitalista, provavelmente em razão de um estreitamento no contato com a natureza.

De acordo com um levantamento anterior (Tomanik, Godoy e Ehlert, 1997), em 1993 havia 3,7 habitantes por família no núcleo urbano de Porto Rico. Os dados obtidos neste levantamento apontam para uma média de 2,95 habitantes por residência nas ilhas o que ratifica a hipótese de isolamento levantada anteriormente.

Quadro 7 - Estado civil, por sexo, entre os moradores das ilhas

Estado civil	Sexo	N.
Casados	feminino	19
	masculino	23
Solteiros ou separados	feminino	18
	masculino	35
Viúvos	feminino	3
Sem informações		11
Total		109

O número de pessoas casadas do sexo masculino é maior que o número de pessoas casadas do sexo feminino, basicamente por conta de que provavelmente 4 dos homens casados se mantêm nas ilhas, longe de suas esposas.

O número de pessoas solteiras ou separadas somado ao número de homens casados, mas que porém, vivem sozinhos, representa mais de 50% da população encontrada nas ilhas.

Deste modo, os números demonstram mais uma vez a tendência para o isolamento devido, provavelmente, ao estreito contato com a natureza e/ou da atividade predominantemente relacionada com a presença maior de homens.

Quadro 8 - Posições Familiares entre os moradores das ilhas

Posições familiares	N.
Chefe	26
Esposa	19
Filhos/filhas	43
Sobrinho	1
Neto/neta	3
Mãe/sogra/ mãe da sogra	3
Empregado	1
Amigo	2
Sem informações	11
Total	109

Nas posições familiares observamos que a quantidade de filhos se destaca diante das outras categorias elencadas. Estes dados demonstram uma tendência natural dos filhos permanecerem junto aos seus pais, principalmente até a faixa etária dos 20 anos, o que nos permite afirmar a dependência desse contingente do apoio familiar, conforme foi demonstrado no quadro 5.

Ainda comparando estes dois quadros, podemos inferir que as famílias não se diluem até que os filhos atinjam a idade que lhes permita a busca pela independência e autonomia financeira, ou seja, aquele intervalo de idade entre os 21 e os 36 anos.

Outro elemento que deve ser destacado é a característica de solidariedade, típica das famílias de baixa renda, que vêm se mantendo nas ilhas, apesar da formação pouco tradicional dos núcleos familiares locais. Note-se que o número de indivíduos não pertencentes ao núcleo familiar mais restrito (pai, mãe, filhos) equivale a 38,5% do número de chefes de famílias, ou seja, é como se, a cada 3 famílias, pelo menos uma contasse com um elemento que não faz parte, originariamente, daquele núcleo.

Quadro 9 - Distribuição por graus de escolaridade entre os moradores das ilhas

Escolaridade	N.
Sem informações	43
Idade pré-escolar	6
1ª a 4ª incompleta	24
4ª completa	6
5ª a 8ª incompleta	20
8ª completa	1
2º grau incompleto	5
2º grau completo	4
Total	109

Os números do quadro 9 demonstram um baixo índice de escolaridade por parte dos entrevistados. Dos 109 habitantes localizados, 43 não souberam ou não tiveram quem soubesse informar seu grau de formação. Alguns afirmaram ter freqüentado os bancos escolares por curtos períodos de tempo, sem caracterizar um período formal de escolarização. Este dado sugere que boa parte das pessoas localizadas não foi alfabetizada ou quando muito, foi semi-alfabetizada, do ponto de vista da educação formal.

Quadro 10 - Distribuição por graus de escolaridade e sexo entre os moradores das ilhas

Escolaridade	SEXO			
	F	M	Sem inf.	Totais
Sem informações	14	18	11	43
Idade pré-escolar	1	5		6
1ª a 4ª incompleta	9	15		24
4ª completa	2	4		6
5ª a 8ª incompleta	10	10		20
8ª completa	1			1
2º grau incompleto	1	4		5
2º grau completo	1	3		4
Totais	39	59	11	109

Notamos um grau de escolarização maior entre os moradores do sexo masculino, apesar do grande número de pessoas que não souberam prestar as informações.

Este dado sugere que as pessoas do sexo feminino foram preparadas quase que exclusivamente para os cuidados com a casa e a família, quando constituída.

Quadro 11 - Período de chegada à região entre os moradores das ilhas

Período	N.
até 1950	1
1951 a 1960	9
1961 a 1970	7
1971 a 1980	2
1981 a 1990	5
após 1990	2
sem informações	11
Total	37

A maioria das famílias chegou à região na década de 1950, num período em que havia um apelo considerável para o processo de ocupação da terra promovido inicialmente pelo próprio Estado. As terras eram recobertas por mata nativa com pouca interferência antrópica, favorecendo, num primeiro momento, a atividade do desmatamento para a venda das madeiras e, no momento histórico seguinte, a formação de lavouras de café.

Num terceiro momento, já na década de 1970, estas lavouras deram lugar à formação de pastagens para fomentar a atividade pecuária, que exige, ao contrário das anteriores, mão-de-obra reduzida.

Este último processo se reflete no quadro seguinte.

Quadro 12 - Período de fixação nas ilhas

Período	N.
Até 1960	3
de 1961 até 1970	6
de 1971 até 1980	6
de 1981 até 1990	3
após 1990	5
sem informações	14
Total	37

As famílias, que chegaram à região nas décadas de 1950 e 1960, fixaram-se nas ilhas especialmente nas décadas de 1960 e 1970. É possível que uma parte das famílias tenha se dirigido diretamente para as ilhas do rio Paraná, mas o que é mais provável é que elas tenham se fixado, inicialmente, nas terras da margem paranaense. Porém, em razão do processo de exclusão dos trabalhadores rurais, à medida em que as pastagens começaram a ser formadas para a implantação da atividade pecuária, parte das famílias que estavam no continente foram forçadas a procurar as ilhas para garantir o seu sustento.

Quadro 13 - Ocupações anteriores entre os moradores das ilhas

Ocupação Anterior	N.
Atividades rurais	18
Pesca	2
Ocupações urbanas	5
Sem informações	12
Total	37

A grande maioria dos trabalhadores localizados já atuava, anteriormente, na lavoura, o que indica que migraram tentando manter-se como agricultores. A pesca, portanto, passou a fazer parte das atividades profissionais da grande maioria destes entrevistados apenas após seu deslocamento para a região. As atividades tipicamente urbanas exercidas anteriormente por 5 dos entrevistados envolviam ocupações que exigem relativamente pouca qualificação, como serviços gerais ou movimentação de cargas. Apenas um dos entrevistados declarou ter sido, antes, motorista de ônibus urbanos, atividade que já exige um grau relativamente maior de qualificação.

Quadro 14 - Ocupações dos pais entre os moradores das ilhas

Ocupação dos pais	N.
Atividades rurais	22
Pesca	2
Sem informações	13
Total	37

Se considerarmos a ocupação que os pais dos entrevistados exerciam, a ligação familiar com a agricultura se torna ainda mais clara. É interessante notar, contudo, a existência, ainda que em pequeno número, de famílias que vinham se especializando na pesca: os dois entrevistados que já se dedicavam à esta atividade anteriormente (vide quadro 13) são exatamente aqueles cujos pais também já eram pescadores.

2. CARACTERIZAÇÃO DEMOGRÁFICA DA MARGEM SULMATOGROSSENSE

A densidade da ocupação populacional da margem sulmatogrossense da região pesquisada é bem menor que a encontrada nas ilhas, mesmo com o esvaziamento progressivo destas e dois fatores podem ser apontados como os principais responsáveis por esta característica. O primeiro é que a margem sulmatogrossense foi ocupada através da formação de grandes propriedades destinadas à criação extensiva de gado de corte, o que implica, já, num contingente humano reduzido. O segundo é que, devido à implantação do Parque Estadual do rio Ivinheima, mesmo estas fazendas estavam já desapropriadas ou em processo de desapropriação, o que implicava na desocupação da área até mesmo por parte dos poucos remanescentes.

Quadro 15 – Localização das construções na margem sul-matogrossense

Localidade	Total
Barra do Baía II	1
Boca do rio Baía	1
Fazenda Entre Rios	2
Fazenda Santa Clara	1
Fazenda Paraná	1
Poitã	1
sem informações	1
Total	8

Todas as habitações localizadas serviam como moradia e estavam ou tinham estado

integradas às atividades das fazendas.

Quadro 16 - Total de habitantes por sexo entre os moradores da margem sulmatogrossense

Sexo	N	%
Feminino	6	31,6
Masculino	13	68,4
Totais	19	100,0

A quantidade de habitantes do sexo masculino do lado sul-matogrossense é significativamente maior que a de habitantes do sexo feminino, provavelmente por conta da atividade desenvolvida pelos primeiros. A pecuária, além de agregar pouca mão-de-obra é basicamente masculina.

Quadro 17 - Composição etária entre os moradores da margem sul-matogrossense

Idade	F	M	Totais
até 5		2	2
de 6 a 10	1		1
de 11 a 15	1	1	2
de 16 a 20	1	2	3
de 21 a 25	1	1	2
de 26 a 30			
de 31 a 35	1	2	3
de 36 a 40		1	1
de 41 a 45		1	1
de 46 a 50	1		1
de 50 a 55			
de 56 a 60		1	1
de 61 a 65		2	2
Totais	6	13	19

Também na margem sul-matogrossense e especialmente em função tanto das características ocupacionais locais quanto da baixa densidade populacional, a distribuição etária da população se mostra bastante atípica. Existem, por exemplo, mais idosos do sexo masculino (acima de 55 anos) que crianças do mesmo sexo (até 10 anos) e as faixas etárias com maior número de indivíduos são as compreendidas entre 16 a 20 e 31 a 35 anos. Em função do reduzido número de habitantes,

entretanto, todas as diferenciações são bastante pequenas.

Quadro 18 - Número de pessoas por família entre os moradores da margem sul-matogrossense

Nº de Pessoas	Nº de famílias
1	2
2	3
3	1
4	2
Total	8

A composição familiar é igualmente atípica. O número médio de 2,38 pessoas por família coincide com a tendência à composição de núcleos familiares muito restritos.

Quadro 19 - Estado civil entre os moradores da margem sul-matogrossense

Estado civil	Sexo	Nº
Casados	Feminino	3
	Masculino	5
Solteiros ou separados	Feminino	3
	Masculino	8
Total		19

Quadro 20 - Constelação familiar entre os moradores da margem sul-matogrossense

Posições familiares	Nº
Chefe	8
Esposa	4
Filhos/filhas	6
Irmão	1
Total	19

Novamente, o número de indivíduos do sexo masculino que se declaram casados é maior que o de mulheres nas mesmas condições. Isto sugere que alguns destes moradores mantêm parte de seus grupos familiares em outros locais.

A redução do núcleo familiar novamente aparece neste quadro. Há a ausência de uma esposa em metade das residências mapeadas e não há agregados àquele núcleo. É bastante

provável, portanto, que a precariedade das condições de vida, extremamente acentuada, além de promover a expulsão destes moradores, venha impedindo aquela tradição de solidariedade sempre encontrada em populações de baixa renda.

Apenas uma das pessoas chegou a cursar o 2º grau escolar. Praticamente a metade não completou os primeiros quatro anos de educação formal. Dados como estes sugerem uma população que dificilmente teria condições satisfatórias de adaptação às atividades típicas dos meios urbanos e mais industrializados.

A tendência é praticamente a mesma para os dois sexos. Embora uma adolescente de cerca de 15 anos seja a única pessoa em toda a população pesquisada da margem sulmatogrossense a estar cursando o 2º grau, as demais mulheres não souberam ou não tiveram quem informasse seu nível de educação formal (o que sugere que ele não é tido como importante) ou cursaram apenas parcialmente o antigo ciclo básico. Esta última categoria engloba, também, praticamente a metade dos indivíduos do sexo masculino.

Quadro 21 - Distribuição por graus de escolaridade entre os moradores da margem sulmatogrossense

Escolaridade	Nº
Sem informações	4
idade pré-escolar	2
1ª a 4ª incompleta	9
4ª completa	2
5ª a 8ª incompleta	1
2º grau incompleto	1
Total	19

De uma forma geral, os moradores da margem sul-matogrossense que foram entrevistados chegaram à região ribeirinha do rio Paraná em períodos posteriores aos de chegada dos moradores atuais das ilhas. Isto sugere a hipótese de que aquelas famílias que chegaram à região após o período inicial de

ocupação e quando este processo já entrava em declínio, acabaram sendo obrigadas a procurar um novo nicho de trabalho, num espaço ainda pouco explorado.

Quadro 22 – Distribuição por graus de escolaridade e sexo entre os moradores da margem sulmatogrossense

Escolaridade	Sexo		Totais
	F	M	
Sem informações	2	2	4
Idade pré-escolar		2	2
1ª a 4ª incompleta	3	6	9
4ª completa		2	2
5ª a 8ª incompleta		1	1
2º grau incompleto	1		1
Totais	6	13	19

Tal hipótese, entretanto, deve ser considerada com cautela, na medida em que não dispomos de dados sobre aquelas famílias que já estiveram morando nesta margem e que hoje não estão mais.

A combinação dos dados expostos nos quadros 23 e 24 mostra que os moradores atuais da margem sulmatogrossense, quando de sua chegada na região ribeirinha, praticamente não se detiveram em outras localidades ou no exercício de outras atividades, vindo diretamente para onde estão e adotando, quase que de imediato, as ocupações que estão sendo forçados a abandonar, agora. Isto sugere uma segunda hipótese: a de que eles tenham vindo para a região já contratados para o exercício de suas atividades.

Quadro 23 - Período de chegada na região entre os moradores da margem sulmatogrossense

Período	Nº
1961 a 1970	1
1971 a 1980	3
1981 a 1990	1
Após 1990	1
Sem informações	2

Total	8
--------------	----------

Quadro 24 - Período de fixação na margem sulmatogrossense

Período	Nº
de 1961 até 1970	1
de 1971 até 1980	3
de 1981 até 1990	1
Após 1990	1
Sem informações	2
Total	8

Quadro 25 - Ocupações anteriores entre os moradores da margem sulmatogrossense

Ocupação Anterior	Nº
Atividades rurais	7
Ocupações urbanas	1
Total	8

Com exceção de um dos entrevistados, todos os demais provêm de famílias de agricultores e possuem todo um passado de relações com a terra e as atividades ligadas à ela. Diferentemente dos habitantes das ilhas, entretanto, os moradores desta margem, apesar de se dedicarem, eventualmente, ao cultivo agrícola, têm uma relação mais intensa com a pecuária.

Quadro 26 – Ocupações dos pais entre os moradores da margem sulmatogrossense

Ocupação dos Pais	Nº
Atividades rurais	7
ocupações urbanas	1
Total	8

UMA TENTATIVA DE SÍNTESE

Os dados analisados até o momento permitem a percepção de três tendências complementares.

A primeira delas diz respeito à precariedade das condições de vida dos dois sub-grupos pesquisados. Para ambos, os ganhos financeiros são extremamente baixos e as limitações

impostas quer pela degradação do ambiente, quer em nome da preservação ambiental tornam muito escassos os bens e recursos que poderiam ser obtidos diretamente na natureza local. É possível dizer que os pesquisados, salvo pouquíssimas exceções, vivem em condições próximas aos limites mínimos de sobrevivência. No caso dos moradores da margem sul-matogrossense, toda esta situação de precariedade vem sendo agravada, ainda, pela expulsão promovida em nome da implantação do Parque Estadual do rio Ivinheima.

A segunda tendência perceptível é a de que os danos causados por estes moradores ao ambiente em que vivem são bastante reduzidos e, embora isto mereça uma apuração mais cuidadosa, parecem estar dentro dos limites de renovação e recomposição naturais da região.

Por último, é importante considerar que, devido à suas experiências anteriores e atuais de trabalho e aos níveis bastante baixos de escolaridade e de aprendizagem formal, a população investigada, como um todo, mas especialmente os mais idosos, provavelmente são pessoas que terão imensas dificuldades de adaptação e de sucesso em meios urbanos de

médio e grande portes, nos quais as perspectivas de emprego e de renda estão associadas à graus muito maiores de qualificação e à históricos muito diferenciados de experiências profissionais.

É mais do que razoável supor, então, que a retirada destes trabalhadores da região deve trazer consequências bastante negativas para eles e praticamente nenhum benefício à preservação e à regeneração das condições ambientais locais.

REFERÊNCIAS

- ROSA, M.. C. *Levantamento realizado em outubro de 1992 junto à Fundação Nacional de Saúde, Londrina, Paraná*. Maringá: (mimeo), 1993
- TOMANIK, E. A. GODOY, A. M. G. e EHLERT, L. G. A vida na região: dados socioeconômicos do núcleo urbano de Porto Rico. In VAZZOLER, A. E. A. de M., AGOSTINHO, A. A. e HAHN, N. S. (Eds.) *A Planície de Inundação do Alto Rio Paraná: aspectos físicos, biológicos e socioeconômicos*. Maringá: EDUEM: Nupelia, 1997.